

Do inimigo aperte a mão
Com doçura, sem rancor.
Ao contacto do perdão,
Toda pedra vira flor.

O CRISTÃO ESPÍRITA

«Fé inabalável só é
a que pode encerrar
frente a frente a razão,
em todas as épocas da
Humanidade».
Allan Kardec

Órgão Doutrinário-Evangélico da "CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES"
Fundador: AZAMOR SERRAO ★ Diretor: INDALÍCIO H. MENDES

ANO I

RIO DE JANEIRO, ABRIL — MAIO DE 1966

— Nº 5

CENTENÁRIO DE "OS QUATRO EVANGELHOS"

(J. B. ROUSTAING)

O ESPIRITISMO vê passar agora o primeiro centenário da extraordinária obra «Os Quatro Evangelhos» — Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação, recebida pela médium Emilia Collignon cujas excelentes faculdades justificaram inteiramente sua escolha pelo Alto. Não temos dados para fixar dia e mês do lançamento do primeiro volume dessa notável obra. As revelações começaram a ser recebidas mediúnicamente em dezembro de 1861, terminando em maio de 1865, perfazendo um total de três volumes, aparecidos em 1866.

Guillon Ribeiro escreveu à página 43 do Tomo I da edição de 1920, o seguinte: «Em 1866 publicou os três volumes dos QUATRO AVANGELHOS e ofereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua REVISTA, em junho de 1867, apreciou a obra» etc

É curioso assinalar a «coincidência»: Assim como coube a Kardec coordenar (e codificar) as obras fundamentais do Espiritismo, coube igualmente a Roustaing coordenar «Os Quatro Evangelhos», desenvolvendo também estafante trabalho. Se Allan Kardec teve do «Espírito de Verdade» a incumbência de sua gloriosa e fecunda tarefa, surpreendido, quando menos o esperava, pela honra e responsabilidade do cometimento, Jean Baptista Roustaing, do mesmo modo, foi surpreendido pelo Espírito do Apóstolo Pedro, em 30 de junho de 1861, à realização do importante trabalho, o que constituiu inesperada revelação para ele e para a médium Emilia Collignon. Fora ele visitar essa senhora, a quem não conhecia, a fim de apreciar um grande quadro mediúnicamente desenhado, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço. Oito dias depois, voltou, por dever de cortesia, para agradecer a Mme. Collignon o acolhimento distinto que lhe havia dispensado. Quando se preparava para sair, a médium sentiu a agitação fluidica indicadora da presença de um Espírito desejoso de manifestar-se. Tudo começou com a mensagem recebida de Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos.

Como cristãos espíritas, rogamos ao Pai que abençoe o Espírito de J. B. Roustaing e de quantos contribuíram para doar à humanidade essa obra magnífica, que «além de ser obra de estudo e meditação metódica dos Evangelhos, será sempre também indispensável obra de consulta, não só para os que já lhe hajam perflustrado as páginas, como ainda para os que, sem o terem feito, busquem no momento elucidar qualquer das grandes questões que o Espiritismo veio pôr em foco» (Guillon Ribeiro, tradutor, no prefácio da quarta edição).

Outro vulto eminente do Espiritismo brasileiro, Manoel Quintão, assim se referiu, em «O Cristo de Deus» (edição da FEB) a «Os Quatro Evangelhos»: «... estudar o Espiritismo não é limitar-se a Kardec, nem limitar-se a Roustaing, nem particularizar com qualquer outro, porque o caráter do Espiritismo está na imanência de suas fontes, que

asseguram conhecimentos sempre progressivos para amplitudes infinitas». Guillon Ribeiro disse que essa obra, «em tempo não muito distante, se tornará para os espíritas todos, uma fonte onde todos irão constantemente beber, desde que do seio deles desapareça o nefasto personalismo que ainda os traz desunidos, desde que os liguem o pensamento e o desejo únicos de servirem a Jesus, exemplificando o amor e a fraternidade, demonstrando ao mundo que todos são um com o Mestre divino como Ele é um com o Pai» («Jesus — nem Deus, nem homem»).

O grande mestre Kardec, na «Revue Spirite» de 1861, págs. 167 a 172, teve palavras justas acerca dos pontos de vista de Roustaing: «Os princípios que aí são altamente expressos (na carta que lhe escrevera Roustaing), por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuem o privilégio da razão, classificam todos os adeptos do Espiritismo como imbecis. Vê-se que Roustaing, apesar de recentemente iniciado, se tornou mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as conseqüências da importante questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muitos, ele não ficou na superfície. Infelizmente, nem todos têm, como ele (Roustaing), a coragem de dar a sua opinião, e é isso que alimenta os adversários» (citação feita em «Elo, Doutrinários», de Ismael Gomes Braga, págs. 13-14).

Este último autor, no livro citado, acrescenta: «A autoridade indiscutível de Kardec reconheço, pois, na médium e no compilador de «Os Quatro Evangelhos», criaturas superiores, capazes; e hoje, diante da aprovação geral por parte dos Espíritos, nós, espíritas «conscienciosos» que seguimos o conselho do Codificador, lendo e consultando a obra de Roustaing, temos o dever de aproximar as obras dos dois Missionários e não nos orientarmos por processos dissolventes, como procedem confrades de outros países, onde até hoje combatem a Codificação Kardequiana, por não aceitarem o a que chamam dogma da reencarnação» (pág. 14).

Nesta oportunidade da real contentamento espiritual, unamo-nos em torno de Kardec e Roustaing, estudando-lhes as obras e preparando nosso espírito para a mais alta e profunda compreensão dos Evangelhos e da Doutrina Espírita, ou, melhor dizendo, do Cristianismo puro, em espírito e verdade, porque Espiritismo e Cristianismo são uma só doutrina, uma só idéia, um só corvo, uma só alma, com um único objetivo: a felicidade da criatura humana nos dois planos em que se divide a vida, o espiritual e o material. Ambos preparam o homem e a mulher para a vida de hoje, na Terra e para vida de amanhã, na Espiritualidade. Ambos mostram a relação íntima entre o Passado, o Presente e o Futuro, pelos lindos do Cármã, através da Justiça Divina representada na Reencarnação.

DEUS E A NATUREZA

Pelo Espírito de
BEZERRA DE MENEZES



JESUS nos abençoe.

Filhos: No meio deste mundo tão belo, cujas harmonias demonstram a sublime melodia tocada por anjos e regida por uma Divina Sabedoria, que dá o testemunho de tão grande artista, qual é precisamente a posição deixada ao homem? Pedimos desculpas aos

queridos irmãos, pois o que afirmamos não leva a autoridade de um mestre e, sim, o resultado colhido por experiências de muitas lutas que a bondade do Pai Celeste nos concedeu em sucessivas encarnações na grande escola terrena. Assim, com humildade, queremos lembrar-vos: Amai a Deus, amando a Natureza e toda a sua criação.

Filhos: Basta um simples olhar sobre o homem para compreender o verdadeiro plano das coisas, para ver que Deus é o Senhor, e a que ponto, a despeito de suas admiráveis descobertas científicas, o homem continua humilde, frágil e dependente criatura. É verdade que temos descoberto as forças da Natureza, suas incalculáveis e misteriosas energias. Elas dominadas e postas a nosso serviço; porém, elas somente nos obedecem sob uma condição: a de lhes obedecermos em primeiro lugar.

A Natureza é o próprio Deus e aqueles que a amam, adoram a Deus. Em tudo quanto palpita e vibra na Terra, dentro dessa harmonia de movimento e de ação, está a obra material que a humanidade observa no seu eterno percurso pela vida. Resta que o homem, admirando o esplendor da Natureza, desde o reflexo coruscante de um raio do Sol ao brilho merencório de uma estrela no Céu, ame o Divino Autor de tudo isso que lhe encanta a vida, que lhe empolga o espírito, que lhe desperta as energias para o desejo de bem viver. Daí a concepção de que o mundo é bom e a vida é bela, até mesmo para os cegos, porque — Sábio, Perfeito, Bom e Justo, Deus só poderia ter criado um paraíso na Terra para que fosse habitado pelo homem bom, perfeito, sábio e justo.

Foi o homem que transformou o seu Edén de felicidade nesse inferno de angústias que é o mundo. Foi ele quem claudicou, envenenando a vida com os entorpecentes da ambição. Imperfeitas suas condições morais, seus preconceitos, sua vaidade, seu orgulho, tornaram imperfeito o ambiente da Terra. É que o homem, imaginando-se Rei da criação, iniciou sua jornada pelo mundo dentro dessa concepção de poder discricionário, absoluto e despótico, no qual fosse sua vontade obedecida, sob uma superioridade ilimitada daí advindo seus sentimentos de orgulho e validade. Com ele, nas primitivas eras da criação do mundo, conviviam todos os animais, grandes e pequenos, todas as aves de espécies diferentes, uns e outros. A Natureza, em plenos desertos em imensas florestas, constituía o grandioso palco da vida, onde se uniam todos os habitantes da Terra. Os homens falavam o mesmo idioma e se compreendiam pelos mesmos sentimentos que os irmanavam. Foi o erro dessa validade e desse orgulho, a falsa noção desse poder de grandeza e de superioridade, os fatores que determinaram a confusão, da qual originou a Babel que dividiu a Humanidade em raças e povos, e o mundo, em Países e Nações.

Os animais fugiram do homem. As feras procuraram seguros refúgios. Elas, porém, não deixaram suas tocas para invadir as cidades e atacar o homem. O homem é que vai, pelo contrário, atacá-las nas florestas, em caravanas bem preparadas para a emboscada.

—X—

Nada a natureza modificou no mundo. O mesmo hino harmonioso das aves, o mesmo gorjeio sublime da passarada, torna alegre a vida. O mesmo perfume das flores embalsama os bosques, enebriando a existência sobre a Terra.

Nada a Natureza modificou. Só o homem se modificou a si mesmo. Seus instrumentos, seu arado e sua charreata são os transformados em armas mortíferas de ataque cruel!

Vieram à Terra os gênios inspirados. Séculos sobre séculos a humanidade progrediu. A ciência tudo transformou. Veio o domínio da eletricidade assombrar o mundo. O avião alçou voo pelo espaço, graças ao gênio humano, mas, se esse gênio subsistisse à sua grande obra, como se entristeceria ao ver transformado o seu ideal de aproximação e união dos povos em instrumento ceifador de vidas humanas!

O progresso, como se vê, foi apenas de ordem material porque a parte espiritual regrediu. Mas nem tudo foi perdido. Na vida dos povos, porém, sempre houve apóstolos e missionários. Um desses surge no cenário do mundo, pelo ano de 1182, na cidade de Assis, na Itália. É Francisco de Assis, o amigo da Natureza em todo o seu divino esplendor. Convencido de que a humanidade cada vez mais procurava as trevas em vez da luz: cada vez mais se deixava arrastar para o labirinto da vida material, entre as ambições e os ódios; cada vez mais se entregava à obra sinistra da impiedade — concebe o meio mais seguro de fugir dos homens. É quando o seu espírito compreende ser preferível viver dentro do pulcra imenso da Natureza, no seio das florestas, nos recantos mais afastados das cidades longe de seu tumulto, da agitação febricitante das multidões: aguladas umas contra as outras.

Embrenha-se pelos matagais, percorre florestas virgens, busca a solidão, isola-se da humanidade e vive assim entre pássaros e os animais que povoavam aquelas regiões imensas, onde a civilização ainda não havia penetrado. Seu espírito transcende à incidência da luz que lhe vai esclarecendo a inteligência e o instinto da razão. Torna-se um amigo leal daqueles habitantes que o amam e respeitam, porque vêm nele o exemplo da bondade, o símbolo da afeição entre o homem, que é o rei da Natureza, e os irracionais que poderiam ser seus vassallos humildes não tivesse aquele, pelo instinto do mal, o irrefreável impulso de exterminar os últimos.

Francisco de Assis amou a vida. Amou a vida porque soube, com a pureza dos seus sentimentos humanos, com a grandeza de seu coração bem formado, com a superioridade do seu espírito muito evoluído, amar a todos os seres da criação divina. Amou os pássaros, admirando as melodias do seu gorjeio. Amou as plantas e as árvores as flores, cujo aroma embalsama a vida e perfumam os bosques. Amou profundamente toda a obra grandiosa de Deus, desde o rugido assustador das feras do deserto, que não lhe faziam mal, porque tinham o instinto de respeitá-lo e amá-lo também. Amou a Natureza em festa, desde a epopéia divina do esplendor da luz do Sol iluminando a Terra, até ao negror sinistro das noites sem estrelas! Sua obra revelou os aspectos de sua vida, os sentimentos humanos de seu superior espírito.

(Conclui na 3ª página)

DEZ MANDAMENTOS PARA OS MÉDIUNS

1.º Regime alimentar vegetariano, abstenção de álcool, fumo e qualquer vício que escravize o ser humano, tornando o «aparelho» incompatível com os trabalhos de Paz e de Luz;

2.º Evitar contrariedades, mesmo ao preço de renúncia aparentemente humilhante, pois quem se humilha será exaltado diante de Deus, ficando em sintonia com os mensageiros divinos;

3.º Não fazer comentários que possam ferir, prejudicar ou envolver alguém negativamente. Não mentir. Usar a palavra somente para ajudar, servir, encorajar e amparar sempre. Perdoar e amar a todos sem distinção, especialmente durante o dia de compromissos espirituais;

4.º Evitar exercícios físicos que possam fatigar o organismo, a fim de que os irmãos do Alto possam utilizar o máximo de energias em favor daqueles que sofrem;

5.º Quanto possível, evitar pensamentos depressivos, de ódio, revolta, malquerença ou mágoa, e pensamento libertinos e de natureza sexual, para conservar a mente limpa, em condições compatíveis com as coisas puras e santas;

6.º Evitar leituras prejudiciais às vibrações mentais, inclusive notícias de mortes, roubos, difamações, intrigas e tudo que diga respeito aos problemas da vida material;

7.º Abstenção sexual mental e física nos dias de trabalhos mediúnicos;

8.º Desde as primeiras horas da manhã iniciar a preparação espiritual, fazendo no levantar-se, a prece «Caminho da felicidade»;

9.º Mentalizar elevadamente o ambiente de trabalho espiritual, envolvendo-o em amor e pureza;

10.º Chegar ao local com 30 minutos de antecedência, para fazer a higiene mental e respiratória, colocando-se em condições de exercer realmente a DIVINA OBRIGAÇÃO.

NOTA — Os melhores passes de CURA são aqueles em que as mãos do médium NÃO TOCAM o doente: apenas PLANAM sobre ele pois assim os FLÚIDOS não se dispersam e o efeito obtido é MAIS EFICIENTE.

Estudo de "Os Quatro Evangelhos"

HOMENAGEM à memória de J. B. Roustaing, coordenador da obra «Os Quatro Evangelhos», que agora completa cem anos de divulgação, a «Casa de Recuperação e Benefícios BEZERRA de MENEZES», da qual somos órgão oficial, incluiu em seu programa de estudos semanais esse livro extraordinário, ditado pelos Evangelistas, com a assistência dos Apóstolos e de Moisés.

A propósito, é este o programa de suas sessões públicas semanais, na sede, à Rua 19 de Fevereiro 19, em Botafogo: Às 2as FEIRAS — Às 20h30m. — Atendimento espiritual e estudo baseado em «Os Quatro Evangelhos», coordenados por J. B. Roustaing. Às 3as e 5as FEIRAS — Às 15 horas — Estudo de «O Evangelho segundo o Espiritismo», de Kardec, e de uma pá-

gina doutrinária. Às 6as FEIRAS — Às 20h30m — Estudo de «O Livro dos Espíritos» e de «A Gênese», de Allan Kardec. Todas as sessões são precedidas de higiene mental para a preparação do ambiente, seguida da prece de abertura dos trabalhos e dos estudos programados.

BENEFÍCIOS DO PASSE

TOMAR passe receber dos Bons Espíritos o Flúido Divino, a força magnética que nos liberta de todas as más influências e retempera nossa reserva espiritual. Esse FLÚIDO emana de Deus e somente os Espíritos dedicados à prática do Bem podem captá-lo e transmiti-lo a nós, encarnados.

Não anule o valor do PASSE, pedindo auxílio material, melhoria de emprego ou solução para problemas domésticos. Lembra-te de que o flúido que vais receber é mais intenso e benéfico quando teus pensamentos são puros e desinteressados. É que a força do Espírito que te assiste depende da tua Fé.

Diante do Espírito, afasta da tua mente todas as preocupações materiais e ergue uma prece ao Criador. Pede forças para cumprir tua missão na Terra e agradece fervorosamente a Sua Bondade em conduzir-te para a Verdadeira Religião. Pode também que Deus ilumine o Espírito que te assiste, assim como o teu Guia. Torna-te puro nesses momentos, em todos os momentos, e verá que todos os teus problemas serão resolvidos na medida em que o mereças e que as tuas aflições presentes terão fim, sem que tenhas pronunciado uma só palavra, pois o Guia que te protege intercederá por ti. Responde discretamente às perguntas do Espírito, recebendo com respeito e amor o Bem que te é prodigalizado. Graças a Deus.

DEUS E A NATUREZA

(Conclusão da 2ª pág.)

Ele personificou a bondade, exemplificando, pelo amor a tudo quanto revela ao mundo e à humanidade, a obra de Deus.

—x—

Compreendam as gerações, concebam as multidões humanas que se espelham pelos quadrantes dos mundos planetários, que tudo aí é obra suprema do Supremo Arquiteto: DEUS. Compreendam todos que onde haja vibração, onde haja sintonia de vida existe sensibilidade, existe sensação, existe manifestação de dor.

Amam toda a Natureza, sede humanos, esquecendo a crueldade, olvidando o mal e não praticando tão abomináveis crimes contra vossos irmãos irracionais. Entrégai-vos à obra aperfeiçoada de vosso espírito. Aproximai-vos de Deus, amando tudo que é de sua origem. Imitai o santo que, em sua vida terrena tanto, bem espalhou, até ser cognominado, por sua humildade, sua renúncia, seu amor, sua justiça e bondade, de «O pobrezinho de Assis», que foi também o grande amigo da Natureza.

Que Deus vos ampare, Jesus vos guie e Francisco de Assis vos proteja.

Paz e amor em Jesus.

Somente publicaremos nomes de Espíritos encarnados ou, por dever de ética, de pessoas vivas, autoras de trabalhos aqui transcritos.

FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO

O ESPÍRITO, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal, que é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluido, quer no estado material. O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da «quinta-essência» desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia. A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa «quinta-essência» dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente às necessidades da harmonia universal, às necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, e traz as criaturas, no estado material o um estado fluido.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluidica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida. Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado catiléptico, em o meio e sob a influência de ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que Deus lhes dê o destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por Ele mesmo estabelecidas. Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão-de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada um desses reinos.

AS TRÊS FASES DA ESSENCIA ESPIRITUAL

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. ANIMA o mineral, se desta modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às nossas inteligências limitadas. Tudo na Natureza tem existência, porque tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo consequentemente animado por uma inteligência RELATIVA. É a palavra — inteligência — pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela é, eis tudo. No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos. Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação de seus Espíritos. Em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal, humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um DETERMINADO mineral, de um DETERMINADO vegetal, de um DETERMINADO animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não nos é permitido nem possível compreender. A vigilância é, a exercer sobre as massas.

MORTE DO MINERAL

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural. A essência espiritual, que residia na parede do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto. O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela Humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem.

A essência espiritual, que no mineral reside,

não é uma individualidade, não se assemelha ao pó-lipo que, por dissipabilidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em consequência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pó-lipo, como o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a prepará-la para passar pelas formas intermediárias, que participam do mineral e do vegetal. Dizemos — materializações, por não podermos dizer — encarnações para estreitar-se como ser. Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existência, já percorridas, preparado para sofrer no vegetal a prova, que a espera, da sensação, a essência espiritual, Espírito em estado de formação, passa ao reino vegetal, que, por assim dizer, marca a sua segunda fase.

SÓ HA SENSACÃO

É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é então mais curta, porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento. Há sensação. Assim, à árvore da qual se retira um galho, experimenta uma espécie de eco da secção feita, mas não sofrimento. É como que uma repercussão que vai de um ponto a outro, sucedendo o mesmo quando a planta é violentamente arrancada do solo, antes de completado o tempo da maturidade. A árvore experimenta um abalo magnético, abalo que prepara o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do seu ser. Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas necessárias e sucessivas materializações, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do vegetal e do animal. Só então, nestas últimas fases de existência, que são as em que aquela essência começa a ter a impressão de um um ato exterior, ainda que sem consciência de sua causa e de seus efeitos, há sensação de sofrimento. Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir a consciência de ser. Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa então ao reino animal. Torna-se então princípio inteligente de uma inteligência relativa às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige. Atinge, portanto, a terceira fase. Dispõe de vontade e de faculdades, mas limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Ainda sem livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência, aproximando-se cada vez mais do reino humano (ou hominial), porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

ALCANÇA O REINO HUMANO

Depois de passar por longo processo evolutivo, o Espírito entra no reino humano, preparando-se em mundos adequados, para a vida espiritual, independente e livre e inicia assim, uma nova trajetória, tornando-se figurante consciente de sua fase que assinala um aprendizado de significação mais alta. Do reino hominial, depois de outra série de preparações necessárias, inclusive pelas reencarnações, o Espírito fixa a sua personalidade definitiva.